

VISÃO

Cultura



VIAGEM

Voltamos sempre ao lugar onde fomos felizes



Quando lhe perguntou o que queria que ela fizesse quando ele morresse, José Saramago respondeu-lhe: «Continuar-me.» É isso que Pilar del Río faz todos os dias e, também, nesta viagem «interior» em que repete os passos de Saramago pelos caminhos percorridos no livro *A Viagem do Elefante* e não só

POR SOFIA BRANCO TEXTO E TIAGO PETINGA FOTOS*

Pilar del Río
Junto da lagariça de Castelo Novo, um dos lugares vividos com Saramago

Partimos há cinco minutos e ela já pergunta onde estamos, no lugar do meio do banco de trás do carro, dispensando o cinto de segurança, com as mãos sob o queixo como as crianças costumam fazer. Pilar del Río não tem tempo a perder e, por isso, não tem paciência para a perda de tempo. Essa coisa de se dizer que não se deve voltar ao lugar onde já se foi feliz «é uma parvoíce», acredita Pilar. «Pode voltar-se sempre. Se foste muito feliz, volta e revive a felicidade, e se foste triste, volta e vê se consegues pôr harmonia onde antes havia tristeza», contrapõe a mulher que viveu com José Saramago (1922-2010) durante mais de 20 anos.

Em junho de 2009, o Nobel da Literatura português saiu de Belém, em Lisboa, no encalço das peugadas do elefante Salomão [personagem do seu romance *A Viagem do Elefante*], até Figueira de Castelo Rodrigo, no interior esquecido de Portugal. No decurso da viagem, fez várias paragens: Constância, Castelo Novo, Belmonte, Sortelha, Cidadelhe. Saramago acabou juntando os livros *A Viagem do Elefante* (2008) com *Viagem a Portugal* (1980), naquela que foi a sua última rota pelo País. Pilar del Río decidiu regressar a esse caminho, num dia quente de julho. Fará algumas das mesmas paragens, numa «viagem interior» com poucas palavras e muita saudade. Acompanham-na Sérgio Letria, coordenador da Fundação José Saramago, e Rita Pais, da direção literária da editora Caminho.

«Adiante», que há muitas horas de estrada pela frente neste regresso de Pilar del Río à última viagem de José Saramago pelas entranhas de Portugal. Antes de sair, na Fundação José Saramago, corre a escolher uma rosa, no quintal, e que depositará na oliveira de Saramago, enquanto lembra que «faltam as fotocópias com aqueles elefantezinhos no centro inferior direito». Salomão no papel, Salomão no pensamento – é o caminho do elefante que se segue. Pilar

A rota O Caminho de Salomão não se contabiliza em quilómetros, 'é uma disposição interior', diz Pilar



Uma rota (des)conhecida

A revisitação da viagem a Portugal feita por Saramago e Pilar incluiu o pelourinho de Castelo Novo, a aldeia histórica de Castelo Rodrigo, e as memórias de Sortelha



quer inscrevê-lo no mapa turístico do País. O elefante está no Mosteiro dos Jerónimos, mas «ninguém sabia que existia», lembra, antes de Saramago escrever sobre ele.

«Uma flor sobre a pedra vais deixar de cada vez que te lembrares de mim», canta Camané no CD da banda sonora do filme *José e Pilar* [realizado por Miguel Gonçalves Mendes], que toca dentro do carro. E onde Saramago fala. Pilar ouve, atenta, e pede a Sérgio para aumentar o volume. Vem uma data: 7 de julho. «É hoje! Incrível! Temos este disco há um mês e esta é a primeira vez que o ouvimos», regista. Há outras coincidências. Saramago morreu exatamente um ano depois (18 de junho) de ter percorrido o caminho do elefante.

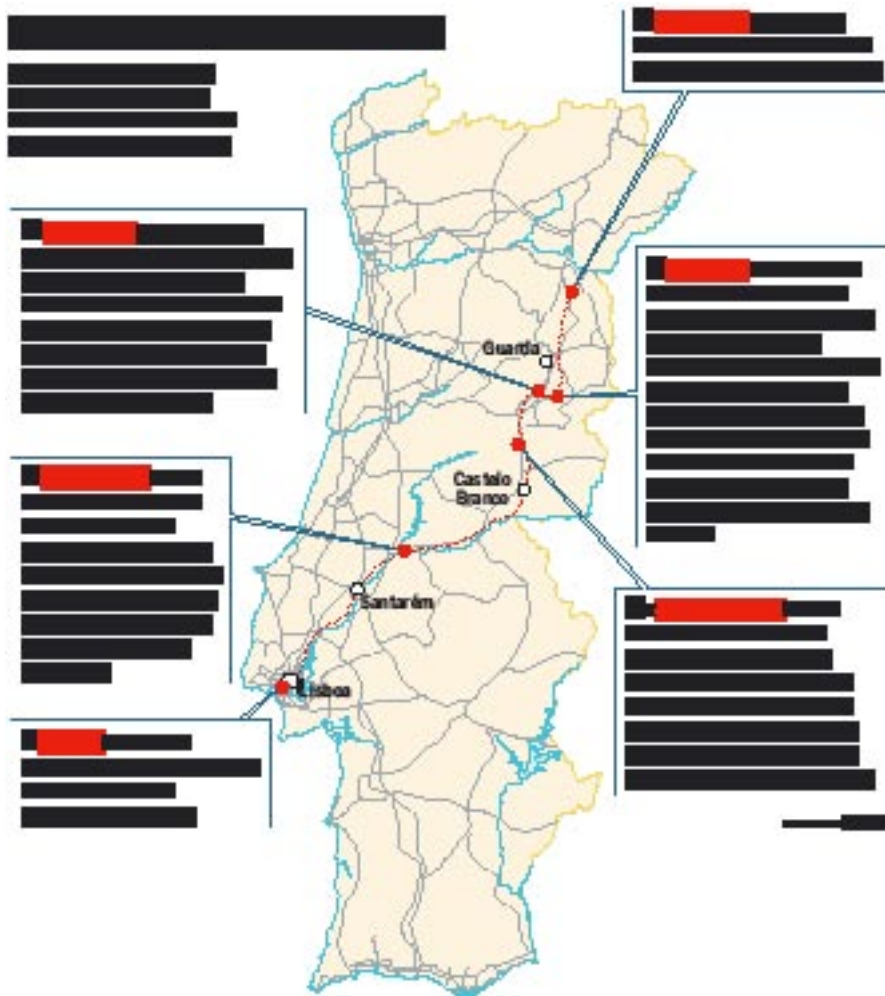
O caminho de Salomão

Compra-se um mapa na estação de serviço e ela põe-se a estudar a rota do elefante. «De certeza que alguns locais já mudaram e outros fecharam», prevê Pilar, ansiosa, enquanto confidencia que não dormiu toda a noite para responder às perguntas de um jornal. Não é coisa rara ficar a dever horas ao sono. Pilar vive desassossegada e para desassossegá-la. Assim dizia Saramago, que «não queria

estar na pele» dela quando ele desaparecesse. O país real chega através do rádio, Pilar ouve a «gente desesperada». Comenta as notícias, critica as agências de *rating*, veste a pele da jornalista que ainda é. Vai regressando ao silêncio, à nossa aproximação a Castelo Novo.

É a primeira etapa de hoje. Constância ficou para trás, mas é aí que começa a rota. Saramago dizia que Camões é a porta de entrada em Portugal. Em Castelo Novo, a água corre por todo o lado, mesmo por baixo dos pés. É esta a banda sonora de uma aldeia arranjadinha que ninguém visita. E onde também já poucos vivem. O Caminho de Salomão – nome da rota que a Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo lançou, em parceria com a Fundação José Saramago, e que espera a adesão das restantes autarquias do percurso para passar a ter a força de uma proposta turística – não se contabiliza em quilómetros, «é uma disposição interior», convoca Pilar, que avisa: «Se não se entender isto, que se vá ao Algarve.»

Pilar volta a sentar-se no pelourinho onde José Saramago leu um texto, em 2009. Volta a lê-lo para si própria, rosto fechado, mas tranquilo. «Estivemos sentados nesta pedra, e aqui se retomaram emoções de 30 anos antes», recor-



da. Saramago gostava muito de Castelo Novo. Sabe-se pouco sobre a Lagariça [um lagar escavado na rocha, edificado no séc. VII ou VIII], mas deve estar ali desde tempos imemoriais, incrustada na pedra, olhando o castelo. As videiras à volta indicam que, ali, foram calcadas uvas. Agora, ladra um cão. «Da outra vez, o muro estava cheio de gatos.»

Prossegue O Caminho de Salomão. Pilar não tem tempo para o percorrer todo, esperam-na em Figueira de Castelo Rodrigo para as festas municipais, onde será lançada a primeira brochura da rota do elefante. À chegada à terra raiana, o presidente da Câmara, António Edmundo, estende-lhe as mãos. «Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam.»

Recordações

Estamos no convento de Santa Maria de Aguiar. Ao lado, há uma hospedaria. O livro dos visitantes está aberto na página assinada por José Saramago, a 18 de junho de 2009: «Pena é que a visita tenha sido tão breve, mas muito pouco tempo viverei se não voltar. Obrigado por tudo.» O autarca António conta como ofereceu *A Viagem do Elefante* a uma amiga e ela lhe disse: «Oh, já sei porque me estás a dar isto!» Ele não sabia que o elefante



Memória de elefante

A *Viagem do Elefante* narra as aventuras do paquiderme indiano oferecido por D. João III ao arquiduque Maximiliano da Áustria, até chegar ao seu destino, por entre nevoeiros misteriosos e encontros.

passara em Figueira de Castelo Rodrigo e faz agora tudo para que muitos venham atrás dele, em «turismo cultural».

Ainda há tempo para voltar ao coração histórico de Castelo Rodrigo. Chegam à lápide que recorda a passagem de Saramago. «*Te acuerdas?*», pergunta o autarca, que, ao jeito da fronteira, alterna entre português e castelhano. «Aqui, ele cruzou os braços, num momento de reflexão sobre o futuro das aldeias históricas, dizendo que elas estão vivas e merecem ser visitadas, porque têm muito para oferecer», recorda. «A viagem do elefante acabou por ser a viagem de Saramago. Ele despediu-se do País, nesta viagem. Sentimos isso», diz António Edmundo. «Sentimos todos», anui Pilar. «Falou muitas vezes da morte. Como algo que tinha de aceitar.» Exatamente um ano depois, ela veio. Tocam os sinos. Sempre as igrejas se atravessaram no caminho de Saramago. «Ele descobria-as debaixo das pedras.»

«Vamos sentar-nos onde Saramago se sentou a namorar», convida António. «Vocês foram felizes aqui, naqueles dias, parecia que estavam em lua-de-mel», lembra o autarca. «Sem dúvida», concorda Pilar. Uma lua-de-mel «com Portugal». Há pilhas de lenha encostadas às paredes de pedra. E vento. À volta, a serra da Marofa. António pergunta-lhe o que sente, dois anos depois da viagem: saudade ou agradecimento? «Ambas as coisas.»

As potencialidades do Interior

Figueira de Castelo Rodrigo celebra a batalha contra o inimigo vizinho e é por certo a primeira vez que uma espanhola (agora também portuguesa) faz as honras da cerimónia. A terra juntou-se para ouvir a presidente da Fundação José Saramago dizer que espera que, um dia, os caminhos de Salomão e Santiago se encontrem. Pilar seguirá para Espanha,

pela manhã. Desta vez, não irá a Sortelha, mas lembra a trovoada impressionante que recebeu Saramago em 2009. Nem chegará a Cidadelhe, onde restam nem vinte pessoas e que «gostava que não morresse».

Ao pequeno-almoço, ainda lhe falam da aldeia do Colmeal, esvaziada de gentes à força, em 1957, e da qual restam apenas ruínas e vestígios de um eremita que por ali anda. Desafia os companheiros de fundação a visitarem-na – a rota do elefante não está fechada. «São lugares do Interior que, por não estarem na costa, parecem malditos, mas que têm potencialidades impressionantes», defende. Os outros viajantes obedecem ao seu desafio e dão um pulo ao Colmeal, única sede de freguesia do País, sem habitantes. Rita Pais recorda como, no livro *Viagem a Portugal*, Saramago «andava sempre à procura de locais onde normalmente ninguém passava». Eis um deles, vigiado por duas águias.



O poder da literatura Pílar del Río com uma versão espanhola do livro, onde se lê uma das muitas frases simbólicas de Saramago

Ainda há tempo para ir a Centum Cellas [uma edificação datada do séc. I, também denominada Torre de São Cornélio, localizada no monte de Santo Antão], que deixou Saramago perplexo, e a Belmonte. Mas aqui Rita terá de contar aos restantes viajantes como a Pietà deslumbrou o Nobel português: a igreja está fechada para almoço. «O que o impressionava muito eram as expressões da mãe e do filho nos braços», recorda Rita, que, na altura, quando Saramago olhava a Virgem, «muito calado, muito quieto», lhe perguntou: «E então, o que sentes hoje, ao fim de 30 anos?» «Exatamente a mesma coisa», respondeu ele.

Rita Pais admira «a força de Pilar» para voltar aos locais que partilhou com Saramago. «José, podes estar descansado porque a tua pele está muito bem vestida.» O elefante segue, pois, caminhando. ▣

*serviço especial da Agência Lusa